

## DA DESTRUIÇÃO À “BOA NOVA”: A INDIVISIBILIDADE DO SER

Prof. Me. Ricardo Alves SANTOS  
E. E. Frei Egídio Parisi  
[ricardo.ia.alves@gmail.com](mailto:ricardo.ia.alves@gmail.com)

**Resumo:** Neste trabalho, propomos uma leitura de dois poemas que integram a obra *Bundo e outros poemas* (1996) do poeta contemporâneo Waldo Motta, “A mulher é um homem ao avesso” e “ANIMA X ANIMUS”. Neles a atividade poética de Waldo Motta sentencia uma visão de mundo que através da poesia nos faz refletir sobre os caminhos percorridos pela humanidade ao longo de sua evolução e de sua historicidade. Em nome de uma poesia que se liberta dos contrastes e oposições, o escritor tece uma poesia que traz uma “boa-nova”: o ser cantado em sua poeticidade é ambivalente. O ser andrógino é a representação mítica do poder e da união entre o masculino e o feminino e será aclamado pelo sujeito lírico como maneira de minimizar as desgraças ocasionadas pelo choque e pelas “guerras” partilhadas pelos sexos oponentes. Dessa forma, nos poemas destacados, o ser andrógino é metaforicamente usado para proferir um discurso de protesto e de reivindicação, no qual identificamos uma voz irônica e grandiloquente que deseja, a partir da imagem andrógina, subverter e transgredir os padrões sexuais e sociais ainda difundidos pela sociedade atual.

**Palavras-chaves:** Waldo Motta; “boa-nova”; androgenia; sexualidade; protesto.

### 1. Sobre Waldo Motta

Negro, homossexual, nascido no interior do estado do Espírito Santo aos 27/10/1959, Edivaldo Motta é, desde a publicação do livro *Bundo e outros poemas* (1996), um dos escritores mais interessantes da poesia contemporânea. O projeto literário “erotismo sagrado” do autor demonstra sua maturidade artística e expressiva ao propor um deslocamento dos elementos sagrados para uma poesia que nasce da necessidade de se posicionar em relação à sua condição de sujeito marginalizado socialmente.

O poeta iniciou sua jornada literária no final da década de 70 do século passado. Há doze obras de poesias publicadas do autor: *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980), *O signo na pele* (1981), *As peripécias do coração* (1981), *Obras de arteiro* (1982), *De saco cheio* (1983), *Salário da loucura* (1984), *Eis o homem* (1987), *Poiezen* (1990), *Bundo e outros poemas* (1996), *Cidade cidadã. A cor da esperança* (1998), *Transpaixão* (1999) e *Recanto - poema das sete letras* (2002). Além destes livros, o leitor pode ter acesso, através do blog do poeta, a alguns poemas do livro ainda inédito, *Terra sem mal*.

Rodrigo Leite Caldeira (2009), em “Waldo Motta: poesia, crítica e problema”, divide estas obras do escritor em três fases: a da “subtração”, compreendendo os poemas dos anos de 1980 a 1983, nos quais há “uma tentativa brusca de mudanças sociais, políticas e amorosas, utilizando-se da palavra apenas como artefato de guerra, valendo muito mais o que se quis dizer do que como se disse” (CALDEIRA, 2009, p. 334), a da “adição” vinculada ao livro *Salário da loucura* (1984), o qual, para o crítico, ao receber um prefácio escrito pela professora da Universidade Federal do Espírito Santo Deny Gomes, Waldo Motta teve sua primeira inserção no universo acadêmico, conferindo a ele “um status legitimador em âmbito local”; e, por último, a da “divisão”, a qual se evidencia na obra *Bundo*, especificamente em sua parte homônima, quando o poeta passa a ter um público maior de leitores.

Iumna Simon faz a seguinte colocação sobre o que podemos encontrar nos versos waldianos:

O trabalho literário de *Bundo e outros poemas* nasce pois de uma consciência da exclusão social que pode revogar as categorias poéticas tradicionais e solicitar a reconsideração de atitudes e soluções literárias no quadro recente da poesia brasileira. Se o colapso da modernização também se dá no âmbito da arte, a questão que fica é o que podem fazer com o legado da experiência moderna aqueles setores excluídos que não usufruíram em quase nada as promessas da modernização e só sofreram, às vezes tragicamente, suas consequências, sobretudo numa sociedade tão espoliadora como a brasileira. O assunto nos dois livros reunidos neste volume é sempre o mesmo, a afirmação da homossexualidade e o antagonismo social, desenvolvido em variações temáticas e formais que se apoiam no potencial formulativo e conceitual do verso. (SIMON, 2004, p. 211).

A crítica de Iumna Simon (2004) enfatiza que a poética de Waldo Motta se porta como solução individual para um drama que não é restrito ao poeta. A exclusão social é identificada a todo o momento na sociedade, seja a mulher, o negro, o pobre, o pouco escolarizado, o judeu ou qualquer outra minoria social se sente marginalizada e anulada perante as “promessas da modernização”. É deste ponto que a leitura do poema “Religião” se desenvolve, pois acreditamos que a “afirmação da homossexualidade e o antagonismo social”, como pontuado por Iumna, ganham contornos “elevados” a partir dos recursos poéticos encontrados no exercício do autor. A voz lírica se enche de força e bravura para promover uma inversão dos elementos sagrados, fazendo da poesia waldiana uma resposta literária e expressiva contra a falta de aceitação social.

O poeta capixaba Waldo Motta é autor de um projeto literário audacioso e revelador. A necessidade de destacar as contradições do seu tempo perpassa um labor que, inicialmente, é engendrado numa perspectiva em que a poesia é o “lugar em que o discurso crítico obsessivamente manifesta um questionamento sobre a situação contemporânea” (SISCAR, 2010, p. 176).

## 2. Sobre a totalidade do ser

A atividade poética de Waldo Motta sentencia uma visão de mundo que através da poesia nos faz refletir sobre os caminhos percorridos pela humanidade ao longo de sua evolução e de sua historicidade. As oposições entre os sexos e os gêneros sempre foram destacados e evidenciados para manter uma ideologia difusora de preceitos machistas e unilaterais daqueles que faziam e fazem as leis que fundam a democracia: o homem.

Em nome de uma poesia que se liberta dos contrastes e oposições, Waldo Motta tece uma poesia que traz uma “boa-nova”: o ser cantado em sua poeticidade é ambivalente. O ser andrógino é a representação mítica do poder e da união entre o masculino e o feminino e será aclamado pelo sujeito lírico como maneira de minimizar as desgraças ocasionadas pelo choque e pelas “guerras” partilhadas pelos sexos oponentes:

A mulher é um homem ao avesso  
o homem é uma mulher ao avesso  
Amorosamente se destroem  
e geram frutos perecíveis

O homem destrói a mulher  
a mulher destrói o homem  
e corrompem o paraíso

Abalam-se Terra e céus  
e se estende ao universo  
a desgraça das desgraças

Destroem a figueira sagrada  
e depredam a vinha santa  
em sua feroz concupiscência  
devastam o pomar celestial  
(MOTTA, 1996, p. 57).

A falta de pontuação no poema recria a ideia de infinito e de continuidade das desgraças e da devastação causadas pelas adversidades entre homens e mulheres. As repetições de palavras e os trocadilhos enveredados, também, nos direcionam para uma impossibilidade de harmonização dos gêneros. O amor entre os sexos só se concretizam por vias sexuais e materiais, num dança frenética pela satisfação dos corpos. O “paraíso”, “o pomar celestial”, “a figueira santa” é profanada.

A “desgraça” anunciada pelo sujeito lírico resulta da dessacralização do corpo como morada divina, sendo espaço apenas do desejo e, também, da realização daquilo que a matéria e a carne exigem como latência infinita de consumação e de prazer. É deste desconforto dicotômico que Waldo Motta elege a androgenia e o ânus como representações simbólicas e alegóricas para fugir de elementos que reafirmam oposições e hierarquizações.

O *enjambement* empregado pelo poeta reforça as inúmeras desgraças ocasionadas pelo conflito entre os gêneros. Na primeira estrofe, a cisão/ pausa se dá a cada dois versos, na segunda, isto ocorre a cada três e a última estrofe se enche de energia para marcar o caos que a segregação e a diferenciação provocam na vida humana. Os quiasmas que ocorrem nos versos “A mulher é um homem ao avesso/ o homem é uma mulher ao avesso” e em “O homem destrói a mulher/ a mulher destrói o homem” reiteram a falta de sensibilidade dos seres humanos ao não conseguirem se colocar no lugar do outro sexo, já que o sujeito lírico não privilegia nenhum dos sexos, a primeira estrofe inicia-se com a palavra “mulher” enquanto que na segunda o “homem” é quem toma a frente do verso e essa inversão sugere o caminho para o fim das oposições. Esta alternância não direciona para apenas um gênero a culpa pelas desgraças advindas do conflito entre machos e fêmeas, absorvendo, assim, homem e mulher em um jogo frenético pelo poder com o objetivo desenfreado de ocupar a posição do sexo que se autodefine como mais forte.

O terceiro verso “Amorosamente se destroem” evidencia o caráter paradoxal que há nas relações entre os sexos opostos. O último verso de cada estrofe ratifica as desgraças promovidas pelos duelos que são forjados/ criados para edificação de uma sociedade construída em base machista e hierárquica, apresentando assim, uma conclusão também negativa. As consequências disto toma um valor acumulativo que se destaca quando o sujeito lírico emprega o conectivo “e” para ressaltar os efeitos destes conflitos, como se vê: “e geram frutos perecíveis”, “e corrompem o paraíso”, “e se estende ao universo” e “e depredam a vinha santa”. Observamos também que nenhum dos verbos empregados nestes versos apresenta um sentido positivo, pelo contrário desencadeiam uma “onda” de negativos presságios.

Notamos que, neste poema, o poeta Waldo Motta desconstrói a ideia de criação do mundo e de renovação da nossa espécie. Os “frutos” que colhemos da relação entre homens e mulheres são “pericíveis”. A ideia solicitada pelo poeta é a de procriação, a qual povoa o mundo com seres que repetirão os mesmos posicionamentos dos seus progenitores. Portanto, o sujeito lírico se identifica com o avesso daquilo que as religiões cristãs consideram como

sagrado: a capacidade dos gêneros opostos procriarem, sugerindo que esta característica não apaga as várias consequências negativas advindas das relações heterossexuais.

Em *O Banquete* de Platão (1972), durante discursos elogiosos ao Amor, um dos convivas na casa de Agatão, depois de muitas bebidas e reverência a Dioniso, Aristófanes nos apresenta a constituição dos gêneros da humanidade: o homem, a mulher e, o mais poderoso deles, o andrógino:

[...] três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino [...]. Eis porque eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha ambos era da lua, pois também a lua tem em ambos: e eram assim circulares [...]. Eram, por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, e o que diz Homero de Efialtes e de Otes é a eles que se refere a tentativa de fazer uma escalada ao céu, para investir contra os deuses. (PLATÃO, 1972, p. 28-29).

A transgressão ambiciosa de se voltar contra os deuses do Olimpo, fez com que Zeus tomasse uma decisão importante em relação ao ser ameaçador. A desobediência e o desrespeito mereciam punição. O ser supremo da mitologia grega, Zeus, “pai dos deuses e dos homens” (BRANDÃO, 1987, p. 24) toma a seguinte providência sobre o ato condenável do “terceiro” gênero:

Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Acho com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós [...]. Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. (PLATÃO, 1972, p. 29).

Platão descreve o andrógino com dois rostos em um mesmo pescoço, quatro mãos e quatro pés, ambos com o mesmo tamanho, e com dois sexos. Esta monstruosidade, traduzida pelas palavras do filósofo, esconde um poder de destruição e de força desta criatura, fonte de “um vigor” terrível e, por isso, será dividida em dois por Zeus. A fragmentação do ser total ou pleno, separando um do outro, estabelecerá uma simbologia que, de certa forma, se associa à plenitude, à completude e a transcendência. O mito do andrógino revela-nos um olhar em busca do Outro completador de nossa parte abandonada.

A busca eterna pelo Outro, pela outra metade de si, traduzido pelo mito contado por Aristófanes, coloca-nos em uma possibilidade de reencontro, de revelação confinada nesta relação de alteridade. A insistência pela outra metade, a ideia de falta está reconstruída na descrição do hermafrodita. O andrógino simboliza um ser pleno, um ser provido da sua outra metade; um ser uno, sem qualquer necessidade do Outro para sua satisfação.

A androgenia é uma figura mítica presente em poemas do poeta Waldo Motta. Acreditamos que esta ocorrência está associada à fundação religiosa delineada nos versos de *Bundo e outros poemas*. Em “Anima x Animus”, o poeta usa das anáforas e dos quiasmas

para enfatizar que o igual e o invertido (diferente) compõem simultaneamente o ser, suscitando a imagem do andrógino, o que podemos notar na leitura do poema abaixo:

#### ANIMA X ANIMUS

A mulher é o reflexo invertido  
da mulher interior do homem  
O homem é o reflexo invertido  
do homem interior da mulher  
A mulher é a miragem do caminho  
do homem em busca de si mesmo  
O homem é a miragem do caminho  
da mulher em busca de si mesma  
A mulher que se busca  
está dentro de cada homem  
O homem que se busca  
está dentro de cada mulher.  
(MOTTA, 1996, p. 56).

O olhar e a visão são as sensações evocadas pelo sujeito lírico waldiano em busca de um ser total: homem e mulher fundidos em um só elemento, substancialmente, humanos. O “reflexo” e a “miragem” são substantivos que designam um símbolo literário bastante recorrente na literatura: a questão do duplo, que, para nós, equivale a uma imagem dupla que fazemos de nós mesmos, numa tentativa de nos conhecer perante o olhar incisivo do outro, em um ato narcísico de revelação daquilo que acreditamos que somos.

O que era sinônimo de oposição ou diferenciação, na poesia de Waldo Motta tem sentido de convivência, de pertencimento: o homem ou a mulher se constitui também pelo seu oposto, juntando homem e mulher, ou seja, dois em um.

A cada dois versos há uma reincidência do valor duplo que permeia a constituição do ser humano. O mesmo procedimento de criação empregado no poema “A mulher é um homem ao avesso” é novamente executado em “Anima X Animus”, uma vez que verificamos os quiasmas a cada dois versos, o que ressalta novamente as inversões tão caras ao viés desconstrutivo da figura andrógina consagrada por Waldo Motta.

O quiasma, “A mulher é o reflexo invertido/ da mulher interior do homem”, que se repete ao longo dos seis próximos versos, mistura-se à anáfora “mulher” consolidando uma integração do homem e da mulher. Este procedimento estilístico reitera o mito da androgenia como forma e maneira de o indivíduo se fortificar, já que na mulher coexiste o homem e o contrário também é aceitável e propício para mostrar a possibilidade de integração dos gêneros.

As anáforas “A mulher” e “O homem”, identificadas aqui com a imagem daquilo que a palavra em si designa, isto é, o vocábulo “mulher” corresponde à ideia que fazemos de um ser do sexo feminino e o “homem” correspondendo às atribuições concernentes ao sexo masculino, reforçam o ímpar e o diferente. Por outro lado, as inversões advindas dos quiasmas deslocam o sentido rítmico requerido pelas anáforas no início de cada verso. A repetição das anáforas e dos quiasmas são recursos que além de construir um ritmo que se fecha na própria unidade do poema, dispõe as palavras de maneira cruzadas para que a imagem desejada pelo poeta não fuja dos elementos de ambivalência compreendido na figura do andrógino.

Aliás, até mesmo a alternância das anáforas nos seis primeiros versos reforça o ser que se insinua nestes poemas. O comportamento humano não é definido apenas pelos órgãos

genitais que define cada um dos sexos, mas notamos que a subjetividade sexual humana ultrapassa esses limites, promovendo uma contingência de valores masculinos e femininos em um mesmo ser. As condutas e os comportamentos são moldados pela cultura que exerce uma imposição daquilo que está relacionado ao homem e à mulher.<sup>1</sup>

As palavras “mulher” e “homem” são dispostas no poema em um jogo de espelho que suscita a completude e a fusão dos gêneros humanos. A segunda palavra dos versos ímpares (mulher ou homem) se choca com a última dos versos pares (homem ou mulher), criando uma unidade semântica para a construção daquilo que o sujeito se arma, estilisticamente, para revigorar: o mito do andrógino e a representação da alma humana.

Segundo Gustav Jung (2011), nos mitos, o homem sempre expressou a “coexistência” do masculino e do feminino em cada ser, atribuindo-o uma natureza andrógina, semelhante à imagem cristã atribuída a Deus. O título do poema de Waldo Motta “Anima X Animus”, sugere o seguinte apontamento teórico feito por Jung na obra *Psicologia e Religião* (2011):

Talvez, a *anima* seja uma representação dos genes femininos presentes no corpo masculino. Isto é tanto mais verossímil, porquanto esta figura não se encontra no mundo das imagens do inconsciente feminino. Há neste, porém uma figura equivalente e que desempenha um papel de igual valor: não é a figura de uma mulher, mas de um homem. A esta figura masculina presente na psicologia da mulher dei o nome de *animus*. (JUNG, 2011, p. 47).

Os esclarecimentos feitos por Jung são literariamente retomados nos versos de Waldo Motta. A ideia de coexistência e coespacialidade do homem e da mulher se expressa, primeiramente, como reflexo e, depois como miragem no poema “Anima X Animus”, o que, de certa forma, não descarta o valor de ilusão e de criação engendrado na compilação do arquétipo andrógino, símbolo do ser total.

A palavra “interior” utilizada nos 2º e 4º versos é enfatizada pelas expressões “em busca de si” e “dentro de” nos outros versos pares do poema. Isto se faz necessário se percebermos que o poeta pretende é valorizar o anímico e o espiritual, assim, o que está acobertado vem à tona pela capacidade humana de refazer os caminhos obscuros para dentro de si. Deste (re) encontro com o desconhecido familiar que se apresenta a partir do outro avesso a nós, estamos em uma esfera sagrada e religiosa, já que a imagem dos opostos é reconstituída e, desta forma, retomamos a “união dos contrários em Deus Criador: luz e treva, divino e demoníaco, amor e raiva, benfazejo e malfazejo.” (JULIEN, 2010, p. 30).

Em outras palavras, o homem e a mulher não são vistos mais como seres separados e desintegrados. Ao unir os ímpares, Waldo Motta (re) cria uma nova ordem para o mundo e traz para sua poesia uma simbologia mítica e cosmológica calcada em uma ressignificação de valores sagrados, pelo fato de a plenitude todo-poderosa e paradoxal ser reconduzida pelo mito da androgenia recuperada pelo poeta.

No poema “Anima X Animus”, a mesma palavra empregada pelo poeta no início, “mulher”, também promove o fechamento circular do texto, destacando a questão do espelhamento e da necessidade de conhecermos o que o inconsciente, a *anima*, de ordem feminina segundo Jung e, poeticamente, reafirmada na construção do poema de Waldo Motta, pode nos revelar sobre nós mesmos.

A interiorização aclamada pelo sujeito lírico do poema como a chave para o que há de obscuro na alma humana e que de algum modo permite ao ser se olhar por inteiro em um

---

<sup>1</sup> Esta afirmação encontra-se articulada a partir das considerações feitas por Michel Foucault (1988), em *História da sexualidade 1: A vontade de saber*, ao analisar o dispositivo da sexualidade e sua relação com o poder.

processo de individuação<sup>2</sup>, pelo qual o sujeito volta-se para o outro de maneira a se descobrir frente ao espelho. O sujeito, ao se exteriorizar pela palavra, permite com que esta percorra uma trajetória em direção ao outro. Sendo assim, corrobora Julien Philippe (2010):

A verdadeira questão é abrir-se para a obscuridade de nossa própria alma e largar todo o resto a fim de operar uma individuação do que existe em nós, doente ou não, bom ou mal, ali mesmo onde se encontra a imagem de Deus. (JULIEN, 2010, p. 29).

A imagem de Deus, do ser supremo, da androgenia se transfere para a autossuficiência que as palavras constroem com os procedimentos artísticos do poeta. A anáfora e o quiasma colaboram para que as palavras se autocompletem e se autocontemplem e criem uma unidade e uma totalidade sacralizada e almejada por Waldo Motta. A palavra torna-se o instrumento que aquece e fortifica a lírica desenvolvida nos poemas “A mulher é um homem ao avesso” e “Anima x Animus”, ela, a palavra, opera na (des) construção de imagens. A subversão destas nos poemas é possível graças ao valor humano que cada imagem infere ao texto, já que “toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si. Isto é, submete à unidade a pluralidade do real.” (PAZ, 2006, p. 38).

A poesia waldiana subverte a lógica do pensamento, ela vai “contra os fundamentos de nosso pensar” ao se deslocar e se contradizer através das imagens, pois o homem é mulher e a mulher é homem, evidenciando a simultaneidade e interposição de imagens para criar uma poesia andrógina. Estes paradoxos são reforçados pelo poder que a imagem pode estabelecer quando trabalhada poeticamente, ficando o sentido distante daquilo que o significante isoladamente pode representar, e isso nos revela a convivência dos paradoxos através da construção poética.

### Referências:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Vol. II)

CALDEIRA, Rodrigo Leite. Waldo Motta: poesia, crítica e problema. In: *Contexto – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras*, - n. 15 e 16. Vitória, ES: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2009, p. 334-345.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*; trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

JULIEN, Philippe. *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e religião. In: *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 11/1). Tradução do Pe. Dom Matheus de Ramalho Rocha; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. – 9.ed. – Petrópolis, Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. O eu e o inconsciente. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol.VII/2). Petrópolis: Vozes, 2002.

---

<sup>2</sup> Esta palavra é empregada de acordo com C. G. Jung na obra *O eu e o inconsciente*, na qual encontramos que a “individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo” (JUNG, 2002, p. 49).

MOTTA, Waldo. *Bundo e outros poemas*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Debates; 48/dirigida por J. Guinsburg).

PLATÃO. O banquete. In: *Diálogos*. Tradução José Cavalcante de Sousa. – 1.ed - São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os pensadores, vol.I).

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Valdo Motta. In: *Revista Novos estudos*, nº 70, 2004.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.